

# LITERATURA DE FORMAÇÃO. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DE MULHERES DE BOAS MANEIRAS

Márcia Regina dos Santos <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo está concentrado na construção histórica dos comportamentos adequados para mulheres. Nesse sentido, a fonte de pesquisa mobilizada foi um livro que contém uma série de exemplos de condutas sociais, intitulado *O Marido Perfeito e a Mulher Ideal* (1956). Do total de 49 (quarenta e nove) crônicas, foram selecionadas 5 (cinco), nas quais foi possível evidenciar questões relacionadas aos comportamentos femininos esperados, a afirmação de estereótipos e lugares sociais. Os textos foram abordados segundo a noção de que as narrativas constituem recursos de representação específicos em sua capacidade de representar o passado, bem como, podem ser compreendidas em diversos planos escriturários e temporais que se inscrevem em múltiplos estratos de tempo. A potencialidade de representação das narrativas evidenciou o caráter plural das presenças produzidas, dando a ver as representações construídas acerca de mulheres sob múltiplas óticas, vislumbradas na reafirmação de modos estabelecidos e, igualmente, conflitantes com as padronizações e idealizações veiculadas nas crônicas do livro.

**Palavras-chave:** livros de formação; mulheres; narrativa; representações.

## LITERATURE TRAINING. NARRATIVES AND REPRESENTATIONS OF WOMEN IN GOOD MANNERS

**Abstract:** This article is focused in the historical construction of the appropriate behaviour for women. In that sense, the source of research mobilized is a book that contains a series of social conducts examples, named *O Marido Perfeito e a Mulher Ideal* (The Perfect Husband and the Ideal Wife) (1956). From the total of 49 (forty-nine) chronicles, 5 (five) were selected, in which was possible to point out questions related to the expected female behaviour, the affirmation of stereotypes and social condition. The writings were studied following the notion that the narratives constitute specific resources of representation in their capacity of representing the past, also, could be comprehended in diverse writing and temporal plans which subscribe themselves in multiple layers of time. The latent power of the narrative representations pointed the plural character of the produced presences, giving to see the representations constructed about women in multiple optics, glimpsed in the reassurance of established manners and, equally, conflicting with the standardizations and idealizations conveyed in the chronicles of the book.

**Keywords:** training books; women; narrative; representations.

---

\* O presente artigo é fruto de pesquisa para a tese em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH/UDESC), financiada pelo Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação (PROMOP/UDESC) da mesma instituição.

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH/UDESC) na Linha de Pesquisa Políticas de memória e narrativas históricas. Bolsista do Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação (PROMOP/UDESC). E-mail: marcia0705@gmail.com .

A mulher ideal deveria, por consequência, ser aquela que dissipa todos os desentendimentos por meio da adaptação e assimilação. Não sou desse parecer. Para mim a mulher ideal deve ser como é. Ter tomado o nome do marido, ter sofrido uma metamorfose fisiológica na passagem de senhorita para senhora, não deve alterar a sua personalidade. O marido a desposou pelo que era dantes, não tendo em vista o que depois se tornaria. Aludo aos casamentos por amor ou simpatia; não merecem os outros que falemos neles (PITIGRILLI, 1956: 89).

As expectativas que pairavam sobre as mulheres na sociedade brasileira da década de 1950, estavam comumente relacionadas ao casamento como objetivo de vida, à formação de uma família nuclear, aos relacionamentos monogâmicos, ao cuidado do marido e à criação dos filhos. A epígrafe representa um tipo de mulher que não seria, necessariamente, moldada por um relacionamento, assim como, deveria ser aceita com sua personalidade conhecida antes do casamento pelo marido que a desposou. Belas palavras e proveitosos conselhos! Bons argumentos para mulheres mais ousadas que não se dispunham a servir aos caprichos e vontades de um marido pelo resto de suas vidas. No entanto, os esquemas de decodificação deflagrados pela leitura permanecem distantes da homogeneidade ou da padronização, ainda que, a elaboração das narrativas comporte estratégias que podem ir do ideal ao imoral em uma mesma frase ou período. O presente artigo tem por objetivo problematizar a literatura de formação contida em uma série de crônicas reunidas em um livro intitulado *O Marido Perfeito e a Mulher Ideal (1956)*. Trata-se de um apanhado de narrativas com diversos exemplos de conduta social direcionados, possivelmente, ao comportamento de maridos e mulheres, segundo sugere o título da obra. De um total de 49 (quarenta e nove) crônicas constantes no livro, foram selecionadas 5 (cinco), as quais apresentam questões relacionadas aos comportamentos femininos em determinadas ocasiões, relações de gênero e lugares sociais. É importante frisar que tais crônicas não são as únicas a tratar desses assuntos, porém, o intuito de verticalizar as discussões implica em efetuar escolhas e recortes.

O livro é constituído por capítulos curtos, com uma média de quatro páginas, nos quais o autor relata inúmeros acontecimentos fictícios e/ou históricos, os quais denominarei aqui como ‘casos’ para efeito de fluidez da leitura. A ausência de referências específicas sobre cada um dos casos impossibilita uma avaliação sobre a veracidade das narrativas do autor, no entanto, como não é esse o objetivo da análise, serão consideradas como

portadoras de representações de um período a partir do entendimento construído por Roger Chartier (2011), o qual se refere à percepção do mundo social e as formas como é elaborada por meio da escrita. Sem o intuito de alocá-los no campo do ‘real’, os casos se inscrevem no repertório de formas de pensar e vivenciar específicas que foram narradas por Pitigrilli, portanto, têm o potencial de representação daquele presente a partir da subjetividade do autor.

No que tange às crônicas selecionadas como fontes de pesquisa, foram agrupadas em dois blocos, sendo que as três primeiras tratam da construção de idealizações e estereótipos para mulheres e, as duas últimas, além dos mesmos assuntos, apresentam questões sobre o lugar social das mulheres em relação aos homens. Os textos reunidos no livro podem ter sido produzidos em diferentes períodos e publicados pelo autor em outros suportes de comunicação, uma vez que, escreveu para diversos tipos de periódicos e jornais ao longo de sua carreira. O primeiro conjunto de crônicas é composto pelos títulos: *Proh Pudor, Retratos e Jóias* e o segundo por: *Marido Perfeito e Mulher Ideal*. Os textos foram abordados segundo a noção de que as narrativas constituem recursos de representação específicos em sua capacidade de representar o passado, sustentada pelo autor Paul Ricoeur (2007; 2010)<sup>2</sup>, bem como, podem ser compreendidas em diversos planos escriturários e temporais que se inscrevem em múltiplos estratos de tempo<sup>3</sup>, os quais se fazem presentes nas formas de narrar acontecimentos para serem lidos pelos contemporâneos daquele presente, como no caso de um livro de crônicas.

A obra em questão foi produzida no Brasil pela Editora Vecchi Ltda, do Rio de Janeiro e o autor é o italiano chamado Dino Segre, conhecido pelo pseudônimo Pitigrilli, nascido em Turim, em 1893. Frequentou os cursos de Direito, Filosofia e, por fim, dedicou-se à carreira jornalística e de escritor de livros. Sua considerável produção bibliográfica<sup>4</sup> ocorreu durante e após as duas grandes guerras. Em função disso, enfrentou diversas questões relacionadas à sua descendência judia, inclusive, a acusação de ter se tornado

---

<sup>2</sup> Nas referidas obras, entre outros tópicos, o autor apresenta discussões sobre a constituição das narrativas no âmbito da História como formas diversas de mobilizar passados e representá-los.

<sup>3</sup> O conceito foi discutido na obra de Reinhart Koselleck, *Estratos do tempo. Estudos sobre a história* (2014), na qual o autor discute a presença de múltiplos estratos temporais atuando na configuração dos eventos. Um mesmo acontecimento contém em sua constituição ressonâncias de passados e futuros, as quais possibilitam diversas leituras e entendimentos.

<sup>4</sup> Na contra capa do livro foram listados 22 (vinte e dois) títulos do mesmo autor como sugestões de leitura e, uma busca virtual em *sites* que oferecem comércio de livros usados foram encontrados registros de mais de 50 (cinquenta) livros publicados em português.

colaborador da polícia secreta fascista durante a década de 1930, para obter a liberdade de escrever para jornais e revistas<sup>5</sup>. Como jornalista e escritor, na fase inicial de sua carreira, ficou conhecido por escrever comentários humorísticos beirando o sarcasmo acerca da sociedade da época e seus costumes. Os recorrentes problemas ocorridos no período da II Guerra Mundial conduziram o autor e seus escritos à marginalidade, levando-o a mudar para Argentina no ano de 1948, onde permaneceu até 1957. Algumas informações dispersas em documentos digitais, como, por exemplo, no periódico católico *Riscossa Cristiana*, indicam que escreveu para o Jornal *La Razón*, no período em que morou na Argentina. O mesmo período coincide com a sua possível conversão ao cristianismo e a organização do livro *Come quando fuori piove (1954)*, ou, com o título brasileiro: *O Marido Perfeito e a Mulher Ideal (1956)*. No final da década de 1950 retornou a Itália, onde, após construir uma carreira repleta de paradoxos, emprestou seu intelecto e seu estilo à alguns periódicos cristãos, como o *Mensageiro de Santo Antônio*. Em relação a esse período inspirado por preceitos cristãos e pela maturidade da idade, refletiu: "Meu trabalho talvez seja atacável do ponto de vista da teologia escolástica, mas é inatacável em sua espiritualidade. Enquanto o triunfo do sexo e da fúria na literatura, anomalias, psicopatias e crimes de fundo erótico, meu romance, pelo contrário, será de absoluta pureza"<sup>6</sup>. Referia-se ao romance *Nostra Signora di Miss Tif (1974)*, publicado um ano antes de sua morte, em 8 de maio de 1975, em Turim.

A tradução literal do título do livro utilizado nesta pesquisa seria: *Como quando está chovendo lá fora*. Sugere uma leitura de fruição, entretenimento para os dias chuvosos que pouco se tem a fazer senão aproveitar o tempo lendo ou, talvez, com algum excesso de interpretação, pode remeter a coisas comuns, contínuas como a chuva, que representam um cotidiano qualquer. A adaptação do título para o português, de certa forma, compromete o entendimento sobre o conteúdo da obra, uma vez que, o sumário indica crônicas sobre

---

<sup>5</sup> Escritor de livros e colunas de jornais e revistas, Pitigrilli foi cooptado pelo regime fascista italiano no período entre guerras. Sua popularidade com os leitores, pelo fato de escrever de forma humorística e descontraída, era de interesse do governo italiano como meio de divulgação de ideais fascistas, porém, essa relação não foi frutífera para nenhum dos lados. Considerado como um "colaborador preguiçoso", além de ser destituído de seus serviços, passou a ter suas obras censuradas, o que lhe levou a retirar-se do país por um período em que residiu na Suíça e depois na Argentina. Na década de 1950 retornou à Itália e continuou a escrever, dessa vez, sob inspiração da doutrina católica. Disponível em: <http://www.riscossacristiana.it/dino-segre-in-arte-pitigrilli/>. Acesso em: 20 jul. 2016.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.riscossacristiana.it/dino-segre-in-arte-pitigrilli/>. Acesso em: 20 jul. 2016.

diversas situações e não somente relativas à convivência de um casal. Nessa esteira, considerando o uso da linguagem como mediadora das diversas formas de pensar e ver o mundo, as traduções são passíveis de perdas, modificações de sentido ou novas criações sobre o texto original. A produção de sentidos do tradutor do livro, identificado como João Henrique (sem maiores referências ou titulação), possivelmente, associou os conteúdos a formas de idealização e prescrição de comportamentos e isso implicou em atribuir o referido título à edição brasileira.

Pensando com o autor Roger Chartier (1990), a respeito dos protocolos de leitura, dos quais fazem parte o título, a capa, o tamanho, as cores, entre outros caracteres, a capa da obra produzida na Itália pouco se assemelhava a capa brasileira. Na Itália, editado pela Casa Editrice Sonzogno, de Milão, o livro tinha uma capa de cor preta na qual estavam impressos o nome do autor e da editora em letras brancas e o título do livro em letras maiores na cor vermelha. Sem qualquer imagem, não explicitava sugestões sobre o seu conteúdo. Ao passo que, a capa brasileira apresentou uma personificação dos casais. A imagem mostra ambos, homem e mulher, bem vestidos, ele de terno e gravata, ela de vestido, com posturas que desejam representar as peculiaridades dos supostos universos do masculino e do feminino. Sugere, ainda, um homem vestido para o trabalho e uma mulher afeita aos trabalhos manuais, um conjunto idealizado dos potenciais leitores do livro sob a perspectiva de manual de boa convivência e harmonia conjugal.

É importante destacar que, nos anos 1950, conhecidos como Anos Dourados, o panorama brasileiro sinalizava para um país em crescente urbanização, com incremento industrial e com a emergência de uma classe média abastada com maiores possibilidades de acesso à informação, lazer e bens de consumo (BASSANEZI, 2007). Tais fatores tornavam profícua a produção e o consumo de diversos artefatos culturais, entre eles, manuais de comportamento e boa convivência. A configuração de novos grupos demandava formas de distinção que os identificasse e discernisse em meio a organização social como um todo, dessa forma ler sobre comportamentos e condutas contribuía nesse sentido. Segundo a autora Maria Teresa Santos Cunha (2005), o consumo de leituras de formação estava inscrito na circulação de discursos ligados a moral e a estabilização social, visando a instrumentalizar homens e mulheres ao convívio público e privado de forma cordata e ordenada. As escritas produzidas em terras estrangeiras, ou, por autores estrangeiros,

especialmente da Europa, traduzidas e publicadas, chegavam ao Brasil com a conotação de um tradicionalismo civilizatório atribuído àquelas sociedades. Em um momento de expectativa desenvolvimentista, no qual o futuro era a temporalidade que movia as ações dos indivíduos, as leituras sobre boas maneiras figuravam como edificadoras dos padrões de uma sociedade próspera e civilizada.

A leitura como prática de formação foi um elemento presente na configuração de elos sociais entre grupos que tinham acesso a livros na sociedade brasileira da década de 1950. Os estudos de Cunha indicam que “os manuais de civilidade eram considerados vetores de sistemas de valores, ferramentas para a consolidação das formas e dos códigos morais e sociais” (2005: 123). O livro *O Marido Perfeito e a Mulher Ideal* foi traduzido no Brasil com essa concepção de leitura, a qual auxiliaria na edificação de práticas sociais sob a perspectiva de um processo civilizatório (ELIAS, 1993), portanto, valores provenientes das sociedades europeias, nesse sentido, eram considerados apropriados. A construção de analogias com os hábitos da nobreza e dos altos extratos sociais fortalecia a ideia de compartilhamento dos modos que garantiriam acesso às “cadeias entrelaçadas de interdependência” (ELIAS, 1993: 207), as quais autenticavam os diferentes lugares sociais. O livro em questão, repleto de exemplos de atitudes e condutas poderia ser lido como um manual que auxiliaria na construção dessa diferenciação social.

A organização do livro apresenta 49 (quarenta e nove) crônicas, nas quais o autor narra casos alusivos aos temas descritos pelos títulos, oferecendo ao leitor (a) alguns exemplos históricos e/ou fictícios sobre a melhor forma de conduzir as ações cotidianas, segundo as suas concepções. Os textos com três ou, no máximo, quatro páginas lançam mão de certa dose de humor, conferindo leveza e fluidez à leitura. Alguns casos, mesmo provocando risos, preservam uma lição moral na conclusão, deixando mensagens para a reflexão do (a) leitor (a). Em narrativas que remetem a situações similares no passado, o autor mobiliza elementos legitimadores da construção comportamental daquele presente, faz emergir temporalidades que atuam como estruturas de repetição (KOSELLECK, 2014) no intuito de dar continuidade às condutas configuradas em outros tempos e espaços. Os exemplos eram validados pela relevância da atitude, desconsiderando as circunstâncias em que se encontravam os indivíduos. E, se fossem exemplos reais – relativos à monarquia – ainda melhor, pois, a nobreza era atribuída, igualmente, ao título e à atitude.

A primeira crônica escolhida, sob o título *Proh Pudor*, aborda as tensões presentes nos entendimentos sobre o que é, como é percebido, quem tem e quem não tem pudores. Tudo isso em, relação aos comportamentos de mulheres. O autor destaca, inicialmente, como foram absurdos alguns decretos<sup>7</sup> expedidos na cidade de Medellín, na Colômbia, limitando o direito de ir e vir das mulheres, proibindo-as de circular publicamente à noite e também a exposição de corpos femininos, mesmo que fossem corpos de manequins em vitrines de lojas de roupas íntimas. De forma sarcástica, a narrativa criticava e ridicularizava as leis estrangeiras acusando-lhes de ultrapassadas, medievais e fora de contexto no trato às mulheres daquele período. Em outra situação, o autor narra um caso italiano, no qual foram censurados folhetos que ostentavam imagens de obras de arte consagradas como ‘O Nascimento de Vênus’, de Botticelli. Ou ainda, severas críticas a uma ‘esquadra de moralistas’ (PITIGRILLI, 1956: 6), a qual se dirigiu a uma ilha balinesa para censurar a prática das mulheres nativas de cobrirem os corpos somente da cintura para baixo, condenando o ato como ofensa moral e falta de pudor.

Nos três casos narrados, é possível perceber a atenção às temporalidades de que se está tratando e a contextualização dos acontecimentos. A escrita sinaliza que os acontecimentos portam tempos variados como o tempo de quem arbitrou as ordens, o de quem contestou, o das nativas da ilha e o de quem as narrou. Assim como discute Koselleck acerca da atuação da estratificação temporal múltipla sobre os prognósticos do futuro, concomitantemente, as temporalidades de cada um dos focos atuaram sobre o acontecimento e foram evidenciadas pela narrativa do autor. A construção retórica preservou as proporções de cada evento e os colocou em relação àquele presente. Porém, em um jogo representativo, onde há uma intenção, há um sentido a se produzir, esses casos serviram como subsídios para validar alguns conceitos para os (as) leitores (as) contemporâneos do autor. Os casos sugeriam que a construção do pudor nas sociedades não deveria ser algo externo às ações humanas, visto que, o autor considerava não ser possível

---

<sup>7</sup> Segundo a crônica de Pitigrilli, José María Bernal, político colombiano que, entre outros, exerceu o cargo de prefeito de Medellín na década de 1940, expediu decretos em que proibia mulheres de circularem em lugares públicos no período noturno, em nome do pudor. Para aquelas que desenvolviam alguma atividade profissional noturna ou mesmo quisessem frequentar algum espetáculo acompanhadas de algum homem, deveriam portar um salvo conduto que as autorizasse a circular para o determinado fim (PITIGRILLI, 1956: 5-6).

impor o pudor às ações femininas, no entanto, ele deveria ser intrínseco a sua vivência, por mais trágico que fosse o momento.

Enquanto levavam Elizabeth, irmã de Luís XVI, na carreta dos condenados ao próprio patíbulo em que o rei deixara a cabeça, e a multidão das “tricoteuses”, ébrias de vinho, sangue e imprudência, gritavam-lhe palavras imundas, e ela, exausta dos jejuns, do processo injusto e da insônia, já pertencendo mais à outra vida do que a esta, notou que estava com um dos ombros nu; o xale se soltara e escorregara. Nos balcões, a gentilha soltou um grito de mofa e alegria. Com as mãos atadas às costas, aquela criatura que ia morrer ainda teve forças para fazer um pedido ao carrasco:

- Em nome do pudor, apanhe o lenço e cubra-me os ombros (PITIGRILLI, 1956: 7).

A dama da nobreza, na iminência da morte não desapegava dos preceitos que lhe pareciam ser inerentes, os quais, em tese, deveriam ser a todas as mulheres. A elaboração dos comportamentos como elementos atemporais, naturalizados, buscava respaldo em eventos com características que remontavam há quase um século de distância, dando a ver as temporalidades que se mesclavam em uma construção social, na qual se pretendia legitimar as práticas que eram aceitas e consideradas adequadas para organizar aquelas sociedades. A ação de uma mulher em um passado recuado, independente de sua veracidade, configurava-se em representação de valores compreendidos no presente da escrita. A subjetividade da narrativa confronta a presença e a representação, pois, se, o ato de pudor da dama da realeza era o próprio evento, da mesma forma, era uma visão sobre todos os atos de todas as mulheres, edificando um elo simbólico que assemelhava comportamentos e igualava condutas.

A crônica intitulada *Retratos* trata dos homens que se consideraram ludibriados pelas imagens que lhes foram disponibilizadas, ou, construídas, acerca de suas futuras esposas. Sobre o assunto, o autor narra alguns casos. Nas diversas narrativas, fotografia e pintura foram utilizadas como formas de divulgação da imagem feminina, porém, o objetivo maior era direcionado a promover maior verossimilhança possível, no sentido de dar oportunidade aos pretendentes de arrependem-se antes da efetiva união. Por exemplo, o caso em que um oficial americano, após a decisão de casar-se por procuração, durante o período de afastamento pela guerra, “grave foi a sensação que experimentou, na volta, certificando-se

de que a esposa era muito menos do que lhe fizeram acreditar as fotografias” (PITIGRILLI, 1956: 149). Completamente insatisfeito, recorreu à justiça, na qual “o tribunal de divórcios quis ver as fotografias, confrontou-as com a senhora e deu razão ao oficial, reconhecendo, para nos exprimirmos segundo a fórmula do direito comercial, que houve fraude na mercadoria” (PITIGRILLI, 1956: 149).

A preponderância da vontade masculina permanecia como elemento estruturante de uma sociedade que se pretendia estabilizar após o caos gerado por duas grandes guerras. A reafirmação de representações que compreendiam mulheres em função de homens se intensificavam por prescrições de comportamento adequado a apazível<sup>8</sup>. Concordando com o autor Paul Ricouer, “separados do imaginário, os paradigmas não passariam de classes inertes de uma taxonomia mais ou menos refinada” (2007: 265), portanto, sobre os processos de elaboração narrativa repousam intencionalidades que contribuem para a instituição de padrões e, por conseguinte, a gestação de marginalidades. Em um movimento dialético, o qual busca se justificar novamente, os exemplos monárquicos eram mobilizados, assim como no caso de Henrique VIII, da Inglaterra, que pediu a mão de Ana de Cleves e enviou um pintor para que lhe retratasse a sua fisionomia.

Uma cintura apertada muito no alto corrigia a anatomia, e as grandes mangas, pelo contraste, diminuía o volume do resto. A moldura cortava o quadro à altura dos joelhos, e a harmonia da composição retifica a falta de graça, o volume e talvez também o peso da exuberante flamenga.

- Encantadora – declarou o rei.

Mas, quando, indo a Rochester para encontrá-la, a viu diante de si, em carne, carne de mais, e osso, exclamou o soberano:

- Vós me fizestes desposar “a Flanders mare”, uma égua da Flândria, e não a Vênus que Hobein representara! (PITIGRILLI, 1956: 150)

A irreverente narrativa do autor sugere que as ‘fraudes’ não eram algo novo ou atrelado à tecnologia, elas ocorriam em todos os tempos e instâncias. No entanto, o que

---

<sup>8</sup> Sobre o tema, os estudos de Thébaud, acerca de mulheres do século XX, consideram que “os anos 50 assistem ao apogeu da mãe dona de casa”, o qual requisita das mulheres “a regressar à esfera privada centrada na criança e considerada como chave das reconstruções nacionais” (THÉBAUD, François. Introdução. In: THÉBAUD, François; DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*, volume 5: o século XX. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991. pp. 9-23: 16). Portanto, após marcante presença nos cenários de guerra desempenhando múltiplas funções condizentes ou não com suas possibilidades, às mulheres é novamente atribuído o âmbito essencialmente doméstico, lugar no qual as sociedades desestruturadas demandavam pela sua presença e ação. Essas instabilidades nas relações da década de 1950 circunscrevem a escrita que é, a um só tempo, produto e produtora de imaginários e representações.

interessa evidenciar nesse trecho é a formatação de um pensamento ligado a essas situações que conferem aos homens o direito de protestar e reivindicar reparação, uma vez que, ao final desse caso, o autor relata que o clero diante de tanta repulsa do monarca por sua esposa, concedeu-lhe a anulação do casamento. O direito à satisfação masculina era naturalizado de forma que possíveis enganos ou desacertos já constavam como justificativas para requerer à compensações. As experiências vividas ou narradas, colocadas na ordem do tempo (KOSELLECK, 2014), tem o potencial de deslocar as temporalidades em função de aproximar as continuidades. Independente do recorte temporal do qual se trata, as experiências têm o mesmo sentido e remetem ao mesmo tratamento, como se o tempo não exercesse nenhum tipo de interferência.

A terceira crônica desse conjunto tem relação com o restrito universo de atuação social concedido às mulheres. A regulamentação de suas conversas, os assuntos que lhes são pertinentes e o respeito que deve ser mantido quanto aos homens de maior ilustração. Sob o título *Jóias*, a crônica atribui às palavras a mesma beleza e raridade de jóias, as quais são feitas de diversos materiais com diversos valores, mas, recorrentemente, usadas com bom senso, surtem excelente efeito. Os casos narrados tratam de perguntas e comentários feitos com “o mau costume de falar daquilo que não se sabe, de acreditar que a hipótese que relampeja em nosso pensamento sem preparo ainda não foi objeto das meditações e de tormento na vida dos pesquisadores” (PITIGRILLI, 1956: 185). Curiosamente, o autor se inclui quando explica por que se deve ter critério para adentrar a uma conversa, porém, nos quatro casos narrados, são mulheres que fazem parte do exemplo de palavras mal colocadas em momentos impertinentes.

Nesses casos, foi ressaltada a displicência das mulheres ao participar das conversas e a pouca complexidade de seus pensamentos, os quais limitam o entendimento e dificultam o diálogo com os homens.

A fim de evitar que a notícia do seu matrimônio lhe chegue brutalmente por outras vias, escreve-lhe uma bela carta, explicando que obedeceu à fatalidade, pede perdão, augura-lhe encontrar um homem que a torne mais feliz do que ele poderia fazê-la. A senhorita inglesa recebe a carta, lê, talvez a releia e responde-lhe com algumas páginas cheias de compreensão e perdão. E conclui: ‘Reconheço que não é o caso de insistir, mas gostaria de saber uma coisa: que tem essa moça australiana diferente de mim? Que possui ela que eu não possua?’

E o oficial inglês lhe telegrafa:  
'Is on the spot'. Isto é, tem tudo que você tem, mas tem-no aqui  
(PITIGRILLI, 1956: 187).

As características atribuídas às mulheres de reagirem com maior sensibilidade aos efeitos das relações são tomados como deméritos que turvam o entendimento sobre as situações e lhes suscitam perguntas óbvias ou sem sentido. As dicotomias socialmente construídas entre mulheres passionais e homens racionais são evidenciadas pelo uso das palavras – ou, das joias – de forma que as diferenças podem (des) qualificar os comportamentos de mulheres em situações de convivência. Os casos são narrados no livro como situações engraçadas, mas, poderiam servir de balizas nas situações similares, para que instruísem os (as) seus (as) leitores (as) sobre como agir em determinados contextos. No entanto, ao mesmo passo, eram também delimitados os universos de pertencimento de homens e mulheres daquele período, nos quais a objetividade das decisões práticas era reservada aos homens.

No segundo conjunto de textos, os casos narrados traçam contornos sociais nos quais cabe às mulheres compreender os seus limites e as decorrências do desrespeito aos mesmos. Na crônica intitulada *Marido Perfeito*, foram destacados os benefícios que o casamento oferece aos homens, haja vista que o caso inicial da crônica narra o casamento entre um homem uruguaio de 78 (setenta e oito) anos e uma mulher de 13 (treze) anos, corroborando estatísticas que afirmavam viverem mais os homens casados. Com efeito, buscando protelar a morte, o uruguaio resolveu casar-se novamente. Entretanto, não foi especificado se esse homem foi um exemplo de perfeição na função de marido, segundo a visão da jovem esposa, ou mesmo, do próprio autor. Nesse sentido, o tema do caso não explora se a escolha do homem era submetida a avaliação da mulher, sinalizando uma postura de aceitação por parte desta.

Nos casos seguintes, ao divulgar a opinião de mulheres em um diálogo sobre como seria esse conceito de perfeição, elas afirmavam que “o homem que a esposa descobre no próprio quarto, na manhã seguinte, não é mais a personagem dos seus sonhos de moça” (PITIGRILLI, 1956: 78). Sobre o assunto, o autor ponderou que, “a união dos dois não constitui um acúmulo de virtudes apenas, mas os defeitos que exigem recíproca tolerância e compreensão recíproca” (PITIGRILLI, 1956: 78), para, logo depois, afirmar suas

convicções de que “somente uma jovem nutrida de romances desenhados com as palavras fatais que saem da boca das personagens pode sonhar com o esposo belo, brilhante, conversador, desportivo, inteligente e rico” (PITIGRILLI, 1956: 78). O jogo narrativo promove uma mescla de valorizar e suprimir a opinião das mulheres, em uma construção aparentemente dialética e, essencialmente unívoca. As formas de estabelecer as funções do homem como um marido perfeito estavam condicionadas às características consideradas intrínsecas ao seu comportamento social.

As expectativas das mulheres quanto a um perfil de marido perfeito eram consideravelmente diminuídas pelo autor, naturalizando aos leitores que essa idealização tem restrições e dificilmente serão superadas para satisfazer aos anseios das mulheres.

Contraído o matrimônio, o marido perfeito se idealiza em linhas muito mais modestas nas aspirações da esposa: torna-se um homem que não fume na cama, para a mulher que tem os lençóis queimados pelos cigarros; um homem que as outras mulheres não olhem, para aquela que se casou com um dom-João; um homem que saiba concertar o ferro de passar sem fazer queimar os fusíveis, para aquela que quis desposar uma exceção; um homem, nada mais do que um homem, para aquela que desposou um super-homem (PITIGRILLI, 1956: 79).

Os ideais quanto aos maridos eram sobremaneira diminuídos diante das reais qualificações apresentadas na crônica. Era recomendado que não se esperasse nada além dos afazeres correspondentes ao reconhecido como comum ao homem casado da década de 1950. A elaboração dos argumentos e a profusão de justificativas ao longo dos textos buscava conduzir a produção de sentidos, reafirmando, a cada caso, quais eram os limites das relações e os espaços dos indivíduos. A existência das mulheres é narrada por recursos que relembram constantemente a condição tutelada à figura de um homem. Os conceitos sociais regentes da sua atuação social eram legitimados por condutas configuradas em tempos distantes, mas, estavam presentes nas múltiplas temporalidades daquele presente que estava a ser contado e construído pela escrita. Quanto ao feminino: seus ímpetos eram contidos e seus anseios singelos. Nas últimas linhas da crônica, o autor evidenciou o desejo íntimo de uma mulher: “Quero casar-me – declara Helena – com alguém que de vez em quando esteja doente, que se engane às vezes e tenha necessidade de mim” (PITIGRILLI, 1956: 79). A construção acerca dos homens era de caráter autônomo e racional, fatores que

lhes garantiam preponderância e ação na condução do relacionamento, bem como, nos espaços sociais.

Retomo aqui o assunto com o qual iniciei esse artigo. Afinal, como deveria ser a ‘mulher ideal’? A epígrafe destacada parecia indicativa de um considerável nível de empoderamento, termo anacrônico ao pensamento do autor, entretanto, adequado para qualificar a mensagem de que as mulheres deveriam afirmar suas personalidades e não relegar-se a um mero ajuste ao matrimônio. A estratégia sedutora de proclamar a liberdade de as mulheres serem como quiserem, constitui a organização narrativa da trama de acontecimentos inscritos em contexto mais amplo, sobre o lugar das mulheres em um relacionamento conjugal. Os movimentos de configurar e reconfigurar, compreender, explicar e narrar se entrecruzam em proporções diferentes constituindo uma narrativa na qual estão presentes as ações e os atores de um tempo, o entendimento do autor que elabora a escrita e os intentos de produção de sentido. Dessa forma, foram narradas as ações conferindo-lhes significados específicos, os quais são evidenciados no decorrer da crônica chamada de *Mulher Ideal*.

Na parte inicial da crônica, o autor faz alusão ao caráter moderno de sua escrita e faz questão de se distanciar da qualificação de um autor conservador ou moralista. Segundo Pitigrilli, “o conceito de inferioridade no qual, no passado, era mantida a mulher, colocava-a, sob a pena dos escritores e moralistas, no plano de uma subespécie animal, de um acessório da casa; acessório principal, mas acessório” (PITIGRILLI, 1956: 89). A elaboração dos argumentos constrói uma legitimidade para, na sequência, tratar das virtudes atribuídas a uma mulher ideal em seu relacionamento. O uso de discursos de autonomia e independência das mulheres em seus relacionamentos se inscreve em uma vivência tutelada por modelos socialmente instituídos, os quais delimitavam os tipos de liberdade e os limites da autonomia concedida às mulheres na relação do casal. Nesse sentido, os estudos da autora Carla Bassanezi indicam que a sociedade, especialmente a brasileira, da década de 1950 compreendia limites na atuação das mulheres, atribuindo-lhes responsabilidades sobre o bom andamento do casamento, sobre a fidelidade dos maridos e, inclusive, sobre a importância de relevar muitas situações para não ter que enfrentar uma separação. Segundo a autora, “à *mulher exigente e dominadora*, o oposto da *boa esposa*, eram atribuídos os maiores obstáculos à felicidade conjugal prometida apenas às mulheres

*essencialmente femininas* que soubessem *colocar o marido em primeiro lugar*” (BASSANEZI, 2007: 631- grifos da autora). Sendo assim, as mulheres ‘exigentes e dominadoras’ deveriam adequar-se ao modelo da ‘boa esposa’ como um meio de auferir a própria felicidade.

Respeitadas as diferenças de que uma obra apresenta crônicas escritas a partir do olhar europeu e outra trata de pesquisa científica desenvolvida a partir da sociedade brasileira, o meio termo entre as concessões de Pitigrilli e as constatações de Bassanezi pode ser vislumbrado a partir da segunda página do texto, na qual são escritas algumas dicas para ser uma ‘mulher ideal’. O autor escreve sobre algumas posturas a serem tomadas pelas mulheres, as quais funcionarão como facilitadoras do sucesso do relacionamento.

Não se julgue uma incompreendida. As incompreendidas são pessoas que não sabem explicar-se. [...]  
Concilie os pequenos contrastes da vida a dois; mas se são inconciliáveis, não insista. [...]  
Não sobreponha a própria personalidade à do marido. [...]  
Não se julgue infalível e inapelável nos juízos. [...]  
Não peça variantes no penteado, na armação do óculos. [...]  
Não procure convencer seu marido. [...]  
Evite as discussões estúpidas, se puder (Mas não poderá) (PITIGRILLI, 1956: 90-91).

As sete frases citadas são as iniciais dos parágrafos que se seguem na escrita da crônica, nas quais cada um dos assuntos foi devidamente explicado e exemplificado com peculiar objetividade, buscando direcionar o entendimento e produzir um sentido padrão para os conselhos dados às mulheres, de forma que fossem mulheres ideais em seus relacionamentos. É possível perceber a considerável diminuição da adaptação masculina e o esforço da adaptação feminina no que tange aos percalços da convivência. O homem não deveria ser perturbado com as banalidades do pensamento feminino e com ‘discussões estúpidas’, a julgar-se que, segundo o autor, as suscitadas pelas mulheres eram, de fato, estúpidas. Dissonante da ideia inicial do texto, o autor configura o lugar da mulher no relacionamento, infere seus deveres e baliza sua conduta. As atitudes idealizadas para a figura da ‘mulher esposa’ encontravam definição nas vontades masculinas, eram em função do outro e tinham como propósito edificar uma relação pacífica e aprazível. Quando o autor afirma sua discordância em relação ao papel atribuído às mulheres de ‘adaptar e assimilar’,

sugere o seu posicionamento como um crítico das posturas conservadoras e dos julgamentos morais. A respeito disso é possível pensar em duas linhas: a primeira, que os discursos têm um jogo narrativo para seduzir e depois formatar. Na segunda, inserido na sociedade sobre a qual está escrevendo, o autor permanece circunscrito às vivências e valores de seu tempo.

A respeito de um jogo narrativo, a elaboração da escrita na qualidade de prescrição demanda a sensibilização dos (as) leitores (as) para que haja adesão às mensagens. As estratégias mobilizadas precisam estabelecer empatia e identificação. “Em um intenso esforço de decodificação e controle dos comportamentos para conter as sensações e movimentos do corpo e da alma” (CUNHA, 2013: 143), os livros com prescrições de boas maneiras reforçam o caráter formativo da leitura e configuram um elemento simbólico entre grupos de leitores (as). Sem a estruturação de significados, as escritas não encontrariam condições de reconfiguração e teriam poucas chances de se tornarem práticas aceitas e legitimadas no interior dos grupos que as leem. O diálogo entre autor e leitor requer estratégias de sedução, exercícios retóricos que assegurem continuidade e constituam vinculações. A interlocutora de Pitigrilli nessa parte do livro, pois se dirige às mulheres, precisava depositar confiança em seus conselhos, sentir-se representada em sua escrita e, para tanto, legitimar sua autonomia e autenticidade seriam estratégias positivas.

A segunda linha de pensamento acerca das tensões presentes na escrita de Pitigrilli, a meu ver, se inscreve no cerne de um dos principais conflitos enfrentados pelos historiadores da História do Tempo Presente: escrever sobre o seu próprio tempo. Considerando os estudos de cultura escrita (CASTILLO GÓMEZ, 2002), não é possível analisar um livro sem atentar às suas condições de produção, a autoria, o lugar de fala daquele discurso e os suportes pelos quais se apresenta. E, como cultura escrita do tempo presente, não é possível ignorar os conflitos que assolam a produção e a autoria. Os escritores, antes de terem essa atribuição, são homens do seu tempo com conflitos que imprimem o caráter de sua escrita. Na década de 1950, Pitigrilli já havia vivido a experiência de convivência com o fascismo italiano, diversos tipos de censuras, a saída estratégica do seu país para a Suíça no intuito de evitar confrontos diretos com as autoridades italianas, a mudança de continente – para a América do Sul – para uma estadia na Argentina, o retorno para a Itália e a conversão ao

catolicismo. Ou seja, sua escrita foi permeada por experiências que foram da ousadia à marginalização.

Sem ambições biográficas, em um breve exercício de compreensão acerca dessa trajetória, ressaltamos as diversas vivências que assolaram a escrita desse autor. Para além da configuração de um meio de sustento, a datação da sua produção bibliográfica<sup>9</sup> é indiciária de que, em meio a inúmeras adversidades, a escrita, remunerada ou não, foi uma constância em seu percurso. A partir disso, me permito pensar que a modernidade aparente nos discursos de Pitigrilli sobre as mulheres tem contraponto nas dicas de adaptação e cordialidade para com os homens que as desposaram em função das suas experiências culturais e sociais que lhe proporcionaram uma visão múltipla sobre os atores e as ações. A peculiaridade de sua escrita conhecida por tecer críticas e tratar com humor ácido questões sobre os costumes considerados tradicionais na sociedade italiana, emergiu como uma marca difícil de ser removida e fácil de ser reconhecida. Porém, assim como escrevia seu posicionamento crítico diante da vida cerceada proposta às mulheres que se casavam, vislumbrava os limites de seus protestos perante os costumes de uma sociedade hegemonicamente masculinizada e pensada em função do masculino.

### **Algumas considerações**

Como já mencionado inicialmente, a obra *O Marido Perfeito e a Mulher Ideal* é um produto cultural escrito pela mão estrangeira de Pitigrilli que, em grande parte de sua existência, conviveu e compartilhou dos valores de algumas sociedades europeias. Digo isso, pois, o esforço de disseminação e construção de hábitos forjados em tempos e lugares distintos implica em formular representações diversas. Os vários espaços de experiência do autor se fazem presentes na produção do entendimento sobre determinado evento ou circunstância. A construção das suas narrativas – elaboradas a partir de imaginação, pesquisa, ou, a mescla de ambas – condensa as suas concepções sobre o tema, a sua experiência prática do passado, as tensões do presente da produção e as intensões depositadas sobre a leitura posterior. Aquele presente relativo ao tempo das narrativas do livro é assolado por múltiplas tensões que envolvem a relação entre homens e mulheres. A

---

<sup>9</sup> Informação disponível em: <http://www.estantevirtual.com.br/autor/pitigrilli> . Acesso em 20 jul. 2016.

escrita do autor está repleta de disputas relativas ao estabelecimento dos lugares, dos atores sociais, dos discursos e dos modos de viver em sociedade. Os casos escritos pelo autor dão a ler concepções e posicionamentos individuais e coletivos. Em uma mescla de discursos instituídos e defesas de causas pessoais se constituiu uma escrita que registrou representações sobre as relações de homens e mulheres e sobre a condição social das mulheres.

A escrita bem humorada não dissipa as tensões presentes nas narrativas de Pitigrilli. A forma de tratar as questões nas quais se encontra imerso, transita entre os limites da leveza e da densidade. Tecer críticas ao comportamento feminino esperado pela sociedade ironizando os casos e condenando os atores não neutraliza a condição do autor de homem da década de 1950 que, se não compartilhava, ao menos convivia com as inúmeras situações por ele selecionadas para serem narradas. O autor escolheu um repertório a ser exposto sobre a sua vivência e o seu tempo e essas escolhas figuram como recursos para representar sujeitos, circunstâncias e lugares. Ao elaborar sua narrativa, Pitigrilli também narrou a si próprio e, pela escolha das palavras fez declarações sobre o seu tempo circunscritas à sua experiência, em uma performance escriturária que, por meio de seus casos, representou as representações.

A escrita de Pitigrilli apresenta diversos deslocamentos, ao mesmo tempo em que os casos são narrativas divertidas e corriqueiras, discutem questões complexas ainda presentes no século XXI. A suposição de que mulheres têm modelos a seguir e comportamentos pré-definidos não é palavra morta que repousa na produção escrita dos anos 50. Ainda assim, não devo me aventurar nas generalizações. As formas como autor enfatizou, em maior ou menor grau, os comportamentos femininos constituem a estratégia narrativa pensada e escolhida pelo mesmo. O intuito de dimensionar as narrativas do livro *O Homem Perfeito e a Mulher Ideal* como recursos para representar um passado permanecem vinculados ao fato de que foi a elaboração específica de um homem e datada. O autor escreveu, entre outras coisas, casos sobre mulheres de tipos e procedências diversas, portanto, múltiplas representações. E essa foi a potencialidade de representação de suas narrativas, evidenciando o caráter plural das presenças produzidas, as mulheres sob múltiplas óticas conflitantes com padronizações e idealizações. Nos diversos casos compreendidos como meio de entendimento de um presente, o qual permanece no passado, Pitigrilli narrou

muitos presentes os quais foram acessados por uma perspectiva possível, porém, não a única.

Distantes de protagonismos, as mulheres dos casos narrados por Pitigrilli eram representadas como elementos figurativos em uma dinâmica social engendrada para homens. Mesmo sendo elas as principais personagens nas crônicas, sua atuação aparecia tutelada pelas condutas aceitas e postuladas pelos homens em seu tempo. Afinal, como viviam as mulheres daquele período? Como o passado permanece recluso no reduto daquilo que não pode ser mais, essa informação permanece no âmbito das possibilidades, entretanto, as narrativas de um tempo carregam potencialidades representativas que dão a ver múltiplas interpretações. Se o historiador vai conseguir ter essa percepção também não é uma certeza. Mesmo com a retidão do método e a destreza do balizamento teórico, nada é certo ou concreto, ainda assim, esse estudo cumpriu seu objetivo de colocar as leituras na ordem do tempo de forma a construir aproximações entre o escrito e as possibilidades de entendimento. Nos limites da documentação, interpretações podem ser elaboradas por analogia e, a premissa dessa visada sobre o passado não ocupa outro espaço senão o do presente, esse mesmo que nos interroga e nos faz revirar o passado constantemente, como se nenhuma explicação lhe bastasse ou lhe fosse convincente.

## Referências

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: Mary DEL PRIORE (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007, pp. 607-639.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. *Historia de la cultura escrita del Proximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada*. Madrid: Ediciones Trea, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção*. Chapecó/SC: Argos, 2011, pp. 21-53.

CUNHA, Maria Teresa Santos. História, Educação e Civilidades: a correspondência como um saber escolar na Escola Normal entre as décadas de 1930 e 1960. *Revista Educação*, Santa Maria- RS, v. 30, n. 2, 2005, pp. 121-138.

\_\_\_\_\_. Das mãos para as mentes. Protocolos de civilidade em um jornal escolar/SC (1945-1952). *Educar em Revista*, Curitiba, nº 49, jul./set. 2013, pp. 139-159.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Volume 2: Formação do Estado e Civilização. Tradução da versão inglesa: Ruy Jungmann; revisão, apresentação e notas: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo. Estudos sobre a história*. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

PITIGRILLI. *O Marido Perfeito e a Mulher Ideal*. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi Ltda., 1956.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas/SP: Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. *Tempo e Narrativa. A intriga e a narrativa histórica*. V.1. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010.

THÉBAUD, François. Introdução. In: THÉBAUD, François; DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Volume 5: o século XX. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991, pp. 9-23.

**Recebido em: 09 de maio de 2018**  
**Aceito em: 02 de setembro de 2018**